

que poderia ser explicado pelas diferenças hormonais existentes entre homens e mulheres mediadas pela associação de Alu/ID. **Conclusão:** Foi possível observar que há relação entre sexo e os polimorfismos da Enzima Conversora de Angiotensina e inserções do elemento Alu. Com relação a idade e os polimorfismos da ECA1, não foi possível observar a relação entre essas duas variáveis.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.006>

FREQUÊNCIA DOS POLIMORFISMOS NO GENE HFE (H63D, C282Y E S65C) EM PACIENTES COM HB S/ β -TALASSEMIA E SUA ASSOCIAÇÃO COM A GRAVIDADE CLÍNICA

TF Ribeiro, ACA Zucão, DP Malerba, CRB Domingos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São José do Rio Preto, SP, Brasil

Objetivos: A beta-talassemia é causada por mutações no gene da β -globina, que resulta na ausência ou redução na taxa de síntese das cadeias de β -globina normal. A ausência de cadeias de β -globina e o excesso de cadeias de α -globina incompatíveis causam eritropoiese ineficaz, resultando em anemia. A hemocromatose hereditária (HH) é uma doença caracterizada pelo excesso de ferro, devido aos polimorfismos no gene HFE (H63D, C282Y e S65C), que levam a alterações no metabolismo do ferro. Esse trabalho teve por objetivo avaliar a frequência de polimorfismos no gene HFE em pacientes com Hb S/ β -talassemia, e classificados em risco de gravidade pela *Calculator of severity of sickle cell disease*. **Metodologia:** Amostras de DNA de 20 pacientes com Hb S/ β -talassemia foram submetidas à análise molecular para confirmar as mutações, por PCR-RFLP e PCR-AE. Caracterizamos os pacientes de acordo com o sexo, idade e gravidade. As análises estatísticas foram realizadas no *software IBM SPSS Statistics 20* e os resultados foram reportados em porcentagem, com nível de significância de 0,05. Testamos a associação entre os genótipos homozigotos e heterozigotos da mutação H63D pelo teste de Qui-Quadrado. Em seguida, verificamos a associação entre o sexo, idade e gravidade com o polimorfismo H63D pelo teste exato de Fisher. **Resultados:** Verificaram-se 8 indivíduos do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com idades entre 10 e 54 anos, com média de 27 anos. Para a mutação H63D foram identificados 7 indivíduos com o genótipo homozigoto selvagem, 13 heterozigotos e nenhum homozigoto mutante. Para as mutações C282Y e S65C não foram encontrados mutantes. Para a mutação H63D, não ocorreram diferenças significativas entre os genótipos homozigotos selvagens, heterozigotos e homozigotos mutantes ($p=0,18$). Observamos que não ocorreram diferenças significativas entre o sexo e idade para o polimorfismo H63D ($p > 0,05$). O genótipo heterozigoto para H63D foi mais frequente em homens com Hb S/ β -talassemia (9-45%) do que em mulheres (4-20%). A relação da gravidade entre os pacientes com Hb S/ β -talassemia e a mutação H63D apresentou diferenças significativas ($p=0,04$), sendo a gravidade intermediária com maior frequência nos heterozigotos (6-30%). **Discussão:** A presença do polimorfismo H63D pode ser

um fator de risco para a sobrecarga de ferro nos pacientes com Hb S/ β -talassemia. Apesar da baixa penetrância do alelo mutante, se encontra em maior frequência na população brasileira, indicando que a mutação pode influenciar na sobrecarga de ferro e levar a casos mais graves de Hb S/ β -talassemia. **Conclusão:** Os resultados evidenciaram alta frequência do polimorfismo H63D, principalmente em homens com Hb S/ β -talassemia. Existe uma relação entre a gravidade da doença e a presença da mutação H63D.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.007>

DESIGUALDADES DEMOGRÁFICAS E TERRITORIAIS NA INTERNAÇÃO POR ANEMIA FERROPRIVA ENTRE ADOLESCENTES BRASILEIROS

VKAS Marinho^a, D Vale^b

^a Hemocentro Dalton Cunha (HEMONORTE), Natal, RN, Brasil

^b Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Ceará-Mirim, RN, Brasil

Objetivo: Analisar as frequências de internação por anemia ferropriva entre adolescentes brasileiros e sua distribuição segundo variáveis demográficas e territoriais entre 2008 e 2021. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo ecológico e descritivo. Foram utilizados dados do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Informações de adolescentes (10-19 anos) internados devido anemia por deficiência de ferro entre 2008 e 2021. Essa variável principal foi categorizada segundo sexo, faixa de idade, cor/raça, unidade da federação e região geográfica de moradia. Todos os dados foram coletados utilizando o TABNET. **Resultados:** No período analisado, ocorreram 8375 internações de adolescentes decorrente de anemia por deficiência de ferro. Dentre esses, a maior parte tinha entre 15 e 19 anos (64,9%), eram do sexo feminino (70,3%), se autodeclararam pardos (38,9%), e eram moradores da região Nordeste (39,1%), dos estados de São Paulo (12,9%) e da Bahia (9,5%). **Discussão:** A anemia ferropriva é uma condição de impacto negativo sobre o desenvolvimento psicossocial das crianças e dos adolescentes. No Brasil, não existe um inquérito contínuo de avaliação da prevalência de anemia entre adolescentes. Diante disso, a internação por esse tipo de anemia pode ser utilizada como um marcador epidemiológico para identificação de áreas prioritárias e situações de maior risco para saúde do adolescente. O presente estudo identificou maior prevalência em adolescentes mais velhos e do sexo feminino, os quais costumam apresentar maior demanda pelas modificações corporais, maior consumo de ultraprocessados (pior fonte de ferro com melhor biodisponibilidade) e práticas alimentares restritivas. Além disso, sendo mais frequentes em regiões e estados da região Nordeste e Sudeste que possuem bolsões de pobreza e insegurança alimentar. **Conclusão:** As internações por anemia ferropriva demonstram situações de maior gravidade, podendo indicar também maior acesso aos serviços de saúde. Verifica-se que no Brasil, esse agravo é desigualmente